



Ano III, Nº 27 Março de 2012 - Maré, Rio de Janeiro - distribuição gratuita

Carnaval



Francisco Valdean

Adolescentes da Maré na Inocentes da Caprichosos. **Pág. 8 e 9**

Ponto para quem?



Elisângela Leite

Muitos problemas no acesso ao ponto de ônibus da passarela 6. **Pág. 6 e 7**

Comunidade

Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue e Marcos. **Pág. 3**

Programe-se!



Programação **Pág. 15**



Elisângela Leite

Crescimento vertical

A verticalização da Maré, um bairro construído sobre área de mangue, posteriormente aterrado, exige cuidados especiais que garantam a segurança dos moradores e trabalhadores. O desabamento dos três prédios no Centro da cidade, este ano, emitiu um sinal de alerta

para todos nós. Segundo Antônio Eulálio, do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (Crea-RJ), um erro na expansão de uma casa pode ter o efeito de um “castelo de cartas”, pois as construções aqui também são coladas umas às outras. **Pág. 10 e 11**

Mulheres no poder

Vinte dos 35 prédios do Conjunto Esperança possuem síndicas mulheres. Todas elas são chefes de suas famílias, sempre zelosas com filhos e netos e também com o local onde vivem. “Moro há quase 30 anos aqui e estou adorando essa administração feminina”, elogia a moradora Sara da Costa. No Dia Internacional da Mulher, as síndicas foram homenageadas pela Associação de Moradores. **Pág. 12 e 13**



Elisângela Leite

As síndicas homenageadas com o presidente da Associação de Moradores, Pedro Francisco

Maré diversificada

Esta edição está especial. Em 8 de março, comemoramos o Dia das Mulheres e o aniversário da Redes, instituição que propôs e mantém o Maré de Notícias, em parceria com a Petrobras, a ActionAid e o Canal Futura. A data foi motivo de reflexão sobre o papel da mulher e, claro, de festa em vários pontos da Maré. Um momento marcante foi o encontro das síndicas do Conjunto Esperança, onde também é elevado o número de chefes de família do sexo feminino. Pois bem: 20 mulheres da comunidade resolveram cuidar também do prédio, para o bem geral dos moradores (reportagem nas páginas 12 e 13).

Diferentemente do Conjunto Esperança, a maior parte das comunidades da Maré, inicialmente, contava apenas com construções de um pavimento. Sem espaço para crescer horizontalmente, as casas estão sendo expandidas para cima. Esse fenômeno é natural. Aconteceu em Copacabana, na Tijuca, na Rocinha etc. O problema é que o acréscimo de andares representa risco de vida, se não for feito de forma adequada. Leia matéria nas páginas 10 e 11 e previna-se!

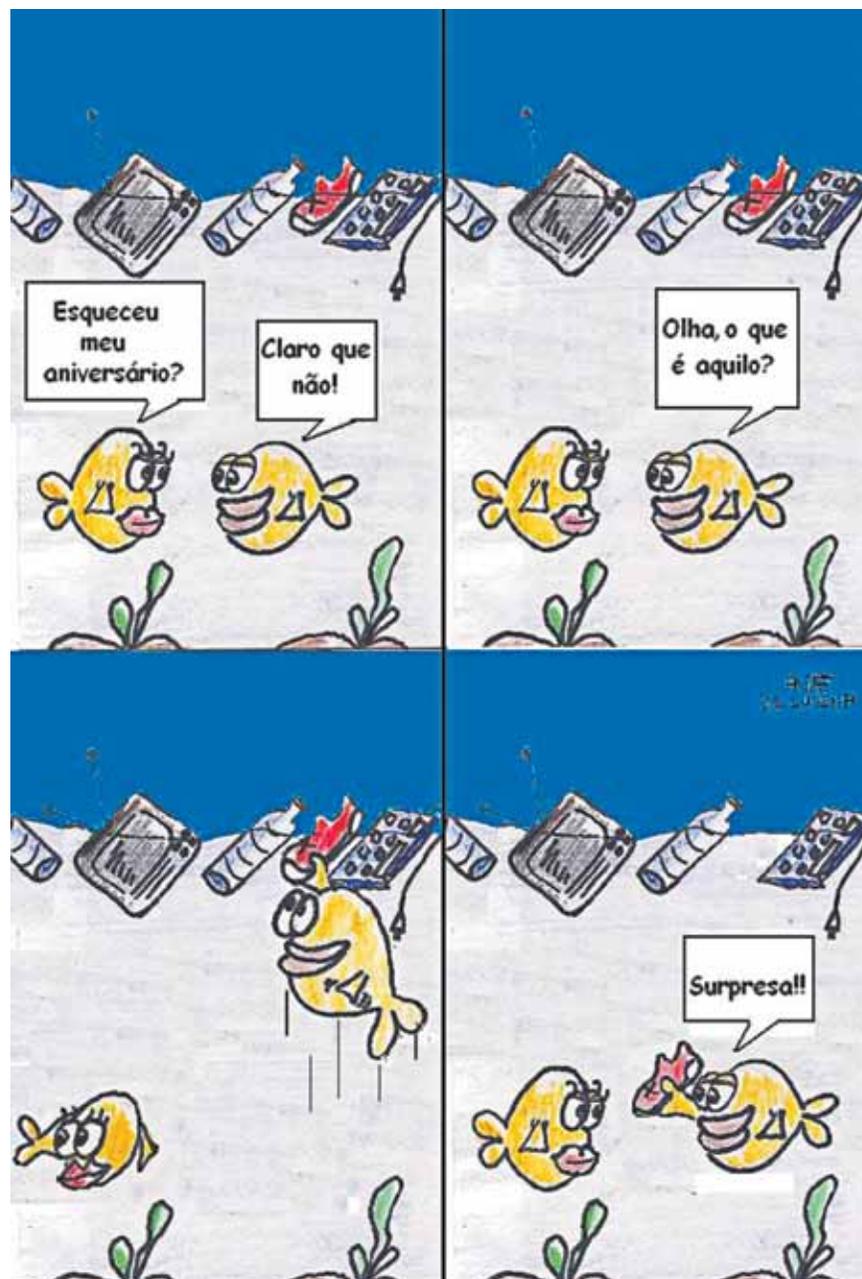
O *Maré* deste mês tem muito mais: capoeira, receita, piadas, carnaval. Na seção Comunidade, o destaque é para Vila do Pinheiro. E sobre políticas públicas, o tema, novamente, é o acesso ao ponto de ônibus na altura da passarela 6, da Avenida Brasil, que precisa ser revisto pela prefeitura.

Boa leitura!

HUMOR

Lixo oceânico

André de Lucena



CARTA

Som alto

Venho agradecer o destaque dado ao meu comentário sobre o descaso das autoridades com a Vila Olímpica da Maré (Seção de Cartas, ed. 25). As obras da piscina já estão em fase de acabamento e até o final de março estará tudo pronto.

Comentando sobre a polêmica do barulho por som (reportagem publicada nas páginas 10 a 11 da ed. nº 26, de fevereiro), o que tenho a falar é que ninguém é obrigado a ouvir o que eu quero ouvir. Costumo falar que todo bêbado fica surdo. Onde tem som alto com certeza tem bebida. Acho uma falta de respeito o barulho que fazem só pra mostrar que estão bebendo ou vão começar a beber. Espero que um dia o respeito chegue a nossa comunidade, por bem ou por ordem judicial.

Everaldo Barboza

REDES

Expediente

Instituição Proponente

Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Andréia Martins
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva
Helena Edir
Patrícia Sales Vianna
Shyrlei Rosendo

Coordenadora de Comunicação

Cecília Oliveira

Instituição Parceira

Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil

Administração
do Piscinão de Ramos

Associação Comunitária
Roquete Pinto

Associação de Moradores e
Amigos do Conjunto
Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e
Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores
do Conjunto Marcílio Dias

Associação de Moradores
do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores
do Morro do Timbau

Associação de Moradores
do Parque Ecológico

Associação de Moradores
do Parque Habitacional
da Praia de Ramos

Associação de Moradores
do Parque Maré

Associação de Moradores
do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores
do Parque União

Associação de Moradores
da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento
da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres
da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores
da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e
Melhoramentos do Parque
Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva
Vila Olímpica da Maré

maré
de NOTÍCIAS

**Editora executiva e
jornalista responsável**

Silvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)
Rosilene Millioti
Rosilene Ricardo
(Estagiária)
Silvana Bahia
(Estagiária)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Ilustradores

Felipe Reis
André de Lucena

**Projeto gráfico
e diagramação**
Pablo Ramos

Logotipo

Monica Soffiatti

Colaboradores

Anabela Paiva
André de Lucena
Aydano André Mota
Edmilson de Lima
Flávia Oliveira
Francisco Valdean
Observatório de Favelas

Impressão

Gráfica Jornal do Comércio
Tiragem
35.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
(21) 3104.3276
(21)3105.5531

www.redesdamare.org.br
comunicacao@redesdamare.org.br

Os artigos assinados não
representam a opinião do jornal.

Parceiros



actionaid

Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue e Marrocos: A gente não quer só comida

 Hélio Euclides  Elisângela Leite

Quem passa de carro pela Linha Amarela e vê a imensidão de casas no entorno da via expressa, não imagina que há pouco mais de 30 anos esse espaço era tomado pela Baía de Guanabara. O ponto de partida de tantas mudanças foi o Projeto Rio, que propiciou o surgimento de terra firme que uniu o Morro do Timbau à Ilha do Pinheiro. De lá para cá muita coisa mudou, e as casas se multiplicaram. Das remoções e enchentes nasceram comunidades como a Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue e Marrocos.

Das três, a Vila do Pinheiro é a mais antiga e a que mais se desenvolveu. Hoje existem na comunidade duas escolas municipais, uma creche municipal, campos de futebol, um posto médico e uma cooperativa de pescadores. A presidente do Conselho de Moradores da Vila do Pinheiro (Comovipi), Janaína Monteiro, destaca que apesar da receptividade da população e o privilégio das ruas largas, a Vila do Pinheiro sofre com o lixo. “Para o fim dessa situação poderiam colocar latões nas travessas, para tudo não ir para o chão. Meu pai fala que no tempo da palafita não tinha caminhão da Comlurb, e não existia lixo espalhado”, conta.

Já o Salsa e Merengue, apesar de disponibilidade de quadras, praças e duas creches municipais, tem

o problema crônico do esgoto entupido na maioria de suas ruas. “As tubulações são horríveis. A população cresceu. Há de 20 a 30 reclamações por dia, existe caso de dar descarga e a água voltar. A prefeitura teria que fazer uma obra, pois as manilhas não aguentam mais”, reclama Janaina.

A comerciante Selma Moreno concorda. “Estou aqui há 10 anos, acho tranquilo. Agora pode melhorar na parte de esgoto, que não para de escorrer de jeito nenhum”, relata. Outra dificuldade é a não entrega de cartas pelos Correios. A empresa alega que as ruas não são registradas, com isso cabe a Associação pagar um funcionário para fazer as cartas chegarem ao destino.

Além de duas comunidades grandes, a Comovipi representa ainda o Marrocos, localizado em um quarteirão atrás do Ciep. “Moro desde a fundação da comunidade, e o que mais gosto é ter o colégio perto. As casas foram bem feitas, mas os telhados quando esquentam, derretem. É a mesma coisa de estar no sol. Quando chove aparecem as goteiras. Tenho que

espalhar panela por tudo que é lugar”, confessa a moradora Ana Nunes. Com ruas pequenas, os moradores ficam próximos, e a solidariedade fica sendo o elemento maior do Marrocos.

O último quadrante da Vila do Pinheiro foi construído atrás da associação e recebeu o nome de Vila Pascaline. Pela semelhança nos imóveis e continuidade das ruas, logo essa denominação caiu no esquecimento. O inspetor do Ciep Ministro Gustavo Capanema, Aurelino Medrado, acha que o nome marca a história do local e não deveria cair em desuso.



A história que não é esquecida

“Lembro do dia 14 de dezembro de 1984, quando ocorreu a remoção. Eu tinha cinco anos, e recorro que todos traziam suas mudanças, mas alguns deixavam seus pertences e voltavam para assistir o show do Agnaldo Timóteo na Rua Teixeira Ribeiro”, conta a moradora da Vila do Pinheiro, Josi Rodrigues. A Vila do Pinheiro foi construída para reassentar os moradores das palafitas removidas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré. Há poucos anos foi plantado um pinheiro na entrada da comunidade para mostrar aos mais novos de onde surgiu o nome da comunidade. Os mais antigos dizem que existia esse tipo de plantação na ilha, antes do aterramento.

Capoeira é Coisa nossa!

O esporte criado por escravos traz equilíbrio, flexibilidade, coordenação motora, resistência aeróbica, força físico-muscular, autoconfiança, ritmo, memória e concentração

 Rosilene Ricardo  Elisângela Leite

Você sabia que a capoeira é uma luta 100% brasileira? Ela surgiu lá pelos idos do século 17 e era uma prática muito discriminada, já que seus fundadores, os escravos africanos da etnia bantu, usavam a capoeira para se defender dos maus tratos dos capatazes de seus donos.

Um misto de dança, música e brincadeira, a capoeira tinha como objetivo a busca da liberdade de um povo que, mesmo sob torturas, humilhações e privações sofridas com a escravidão, construiu grande parte da história, cultura e costumes do Brasil.

Jogar capoeira era oficialmente proibido até 1937, embora ninguém tenha deixado de praticar. Só em 1974 é que ela ganhou status de esporte, com a criação da Federação Paulista de Capoeira, mas a consolidação mesmo veio só em 1992, com a criação da Confederação Brasileira. Três anos mais tarde, em 1995, foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) como prática esportiva.

O tempo passou e a capoeira hoje é jogada de norte a sul do país, inclusive na Maré. O monitor de capoeira da Ação Comunitária do Brasil (ACB), na Vila do João, Jorge Silva, de 19 anos, aponta como princípios do esporte: a ética, a cidadania e o respeito com eles mesmos e os outros. Além disso, o capoeirista afirma que para ser um atleta também é preciso estudar. “Eles precisam ter responsabilidade. A capoeira é um esporte, uma luta que não serve para brigar e sim para a paz e o equilíbrio do ser humano. Eu tento mostrar que o que eles não querem que façam com eles, eles não devem fazer com os outros. O que eles aprendem aqui é para ser levado para a vida inteira.”

Segundo o monitor, há mães que relatam que seus filhos, até então hiperativos, ficaram mais calmos e centrados após as aulas. Uma das mais esportistas do grupo, Paloma Silva, 8 anos, conta que antes de entrar para

a capoeira não se interessava muito em estudar, mas hoje entende o quanto a prática do esporte é importante. “Minhas notas na escola até melhoraram”, diz, com satisfação.



Esporte para todas as idades

Morador da Vila do João, [Carlos Santos](#), 48, tinha um sonho antigo de entrar para a capoeira, mas o trabalho e a falta de oportunidade o fizeram adiar. Hoje, um ano depois de ter se matriculado nas aulas, ele é uma das pessoas que mais incentivam outras a começar. “Antes da capoeira eu tinha baixa autoestima e meu condicionamento físico era ruim. Hoje esse quadro mudou. Estar aqui pra mim é um sonho. Não me sinto velho para o esporte e sempre convido vizinhos e meus filhos para participar e posso dizer: não tem idade para fazer capoeira! Me sinto mais feliz”, ressalta.

A prática traz, entre outros benefícios, equilíbrio, flexibilidade, coordenação motora, resistência aeróbica, força físico-muscular, autoconfiança, ritmo, memória e concentração. O monitor Jorge Silva enfatiza que o brasileiro precisa se incorporar mais nas suas lutas e suas culturas, não só da capoeira, mas do Maracutu, Jambo e o Frevo, por exemplo. “Pode parecer clichê, mas a capoeira é nossa!”, finaliza.

“A capoeira é um esporte, uma luta que não serve para brigar e sim para a paz e o equilíbrio do ser humano”

Jorge Silva, monitor de capoeira da ACB



Entre na roda! Saiba aonde...

Ação Comunitária do Brasil - Vila do João. 2^{as}, 3^{as} e 5^{as}, de 9h às 11h e de 14h às 16h; E 6^{as}, de 13h às 17h.

Ciep Ministro Gustavo Capanema - Vila dos Pinheiros. 2^{as}, 4^{as} e 6^{as}, de 20h às 22h.

Associação do Conjunto Esperança - 3^{as} e 5^{as}, às 20h30.



Comércio Justo e Solidário

A série mostra como produtores, comunidades, cidades, consumidores, diante das dificuldades, vão à luta, superam obstáculos e conquistam resultados porque conseguem acessar mercados de forma diferente e mais justa.

Sexta-feira, às 6h e às 13h

Duração: 30min

Classificação: Livre



Assista o Futura: Canal 18 UHF, NET Canal 32, Sky Canal 8, Parabólica - Polarização Vertical 20.

...cenas da novela “Ponto para quem?”

**Pegar uma
condução
virou
sinônimo de
sofrimento
para
moradores e
trabalhadores**

 Hélio Euclides  Elisângela Leite



Mulheres na luta contra a violência

O Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março, celebra a luta pela igualdade de direitos e gênero. No Brasil e em outras partes do mundo, ainda hoje, as mulheres são vítimas de vários tipos de violência, entre elas, a doméstica.

Uma vitória importante conquistada pelas mulheres brasileiras foi a aprovação da lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e prevenir atos de violência física e psicológica praticados por pessoas do relacionamento afetivo e familiar da vítima. A lei garante a assistência às mulheres e a punição ao agressor.

As vítimas devem denunciar a agressão em qualquer delegacia comum ou nas especializadas de atendimento à mulher. A ocorrência poderá ser registrada ainda por meio de ligação gratuita para o número 180, que funciona 24 horas por dia.

Na Maré, o Centro de Referência de Mulheres da Maré - CRMM, que fica na Rua 17, Vila do João – anexo ao posto de saúde – oferece apoio às vítimas. O horário de atendimento é das 9h às 17h, de segunda a sexta-feira. O telefone do CRMM é 3104-9896. A região abriga também a iniciativa do Projeto Maré de Sabores, que colabora com a autonomia das mulheres na geração de trabalho e renda como forma de enfrentamento à violência doméstica. Mais informações no site www.redesdamaré.org.br ou pelo telefone 3105-5531.



O Maré de Notícias, na edição nº 16, publicou uma matéria sobre o ponto de ônibus da passarela 6, pista da Avenida Brasil sentido Centro. De lá para cá as reclamações de moradores e trabalhadores aumentaram, e nada foi resolvido. “Fizeram um curral. Na hora do rush não dá para ir e vir, é muito estreito”, aponta o presidente da Associação de Moradores da Vila do João (Amovijo), Marco Antonio, o Marquinhos Gargalo.

Quem utiliza o percurso sofre com vários tipos de problema: grande distância, assaltos, canos de drenagem da água da chuva na passagem, caindo sobre os pedestres, ônibus que não entram na agulha de parada e ralos que prendem o salto das sandálias das mulheres. “Em dias de chuva, quando os ônibus passam também jogam água nos pedestres. É uma covardia com os moradores da Maré”, desabafa Marquinhos. O pedestre fica sem escapatória, encurralado naquele cercado. No final de 2011, a Amovijo entregou ofícios ao Ministério Público, à Câmara dos Vereadores e à Assembleia Legislativa, com todas as reclamações. Até o fechamento desta edição, no início de março, nenhuma resposta havia sido apresentada.

Segundo o presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança (Amace), Pedro Francisco dos Santos, os idosos e deficientes são os mais prejudicados. Além disso, a falta de segurança também precisa ser considerada pelo poder público. “O que mais me choca é a grande quantidade de assaltos à noite. Já comuniquei ao batalhão (23º BPM). A notícia boa é que a passarela que liga o Conjunto Esperança ao ponto está em análise pela prefeitura”, conta. Marquinhos discorda dessa ideia, pois acredita que a única solução seria o retorno do antigo ponto, que beneficiaria as duas comunidades.

Outro ponto problema

Alguns moradores, quando precisavam descer na Avenida Brasil, utilizavam o ponto sob a Linha Amarela, e depois seguiam pela via expressa. A surpresa ficou por conta da interdição do ponto de ônibus. “Não tinha motivo, então protestamos e improvisamos outro. Já pensou ter de ir até o ponto da Vila do João? É uma distância muito grande entre um e outro”, declara o morador de Mandela I, Vandelson Rodrigues. O ponto agora fica próximo a uma lanchonete. O *Maré de Notícias* fez o percurso até o ponto da Vila do João e a distância é de 1.562 passos.

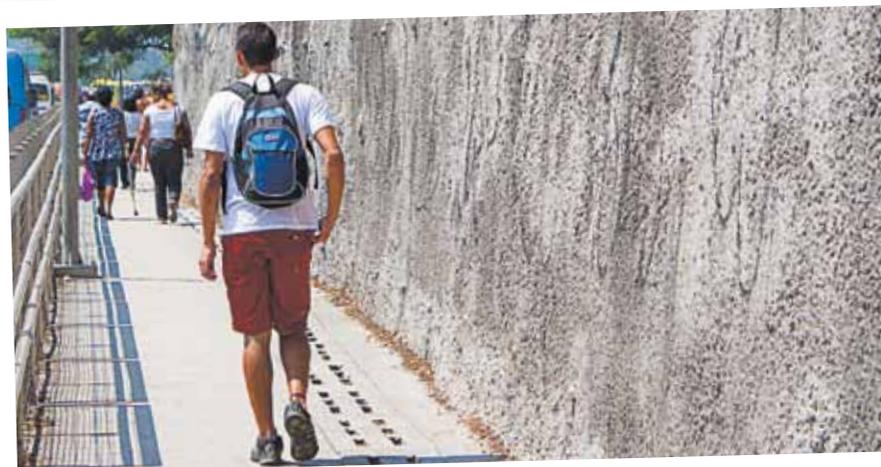
Trabalhadores da Fiocruz também reclamam

O enorme percurso não prejudica só moradores. “Horrível e péssimo. Nós que trabalhamos na Fiocruz temos que andar de cinco a 10 minutos, e pela manhã é muita gente e há fila para andar”, conta a funcionária da Fundação Oswaldo Cruz, Débora Gomes. Para a funcionária da Vila Olímpica da Maré, professora Rosamia Garcez, o novo ponto foi uma falta de respeito com as comunidades. “Fica perigoso à noite. Neste horário é deserto e favorece os assaltos. Sem falar que perco o ônibus sempre que estou nesse cercado”, reclama.

Assim como o muro das Linhas Vermelha e Amarela, a Lamsa foi a empresa responsável também por essa outra intervenção. A concessionária que administra a Linha Amarela alega ter respeitado todos os planejamentos da prefeitura.

A Secretaria Municipal de Transportes esclarece que o projeto visa o melhor ordenamento do trânsito naquele local, permitindo uma maior fluidez ao tráfego. A Subsecretaria de Fiscalização informou que irá ao local verificar a denúncia referente aos ônibus que não param no ponto. A Secretaria Municipal de Obras, por sua vez, explica tecnicamente a obra e desconsidera o problema gerado para os usuários. O órgão explica que os canos, que evitam o desabamento do muro, são direcionados às galerias de drenagem, que contam com ralos para escape das águas.

Certamente quem projetou a obra não utiliza o caminho, nem avalia a efetividade de suas decisões – um problema comum nas políticas públicas no Rio de Janeiro.





Inocentes com capricho!

  Francisco Valdean / *Imagens do Povo*

A **Inocentes da Caprichosos**, de Pilares, foi a primeira escola mirim a desfilar na sexta de carnaval, dia 17 de fevereiro, e levou para a Marquês de Sapucaí o samba enredo "Água de benzer, água de beber, água de banhar. Só não

pode faltar! A Inocentes bebe dessa fonte." Uma quantidade considerável dos componentes da escola é formada por crianças e adolescentes moradores da Maré. [Tadeu Ribeiro](#), responsável pela organização das alas que contaram com os



adolescentes da Maré, estimou em 90 o número de moradores que participaram do desfile deste ano. Eles se encontraram na Rua Teixeira Ribeiro, no Parque Maré, de onde saíram dois ônibus levando toda a turma para o Sambódromo.

Daniel Batista de 14 anos, da Nova Holanda, era um dos integrantes do grupo: “É a segunda vez que desfilei na escola e pretendo desfilar outras vezes, é muito bom!”, revela ele.

Ano que vem tem mais!

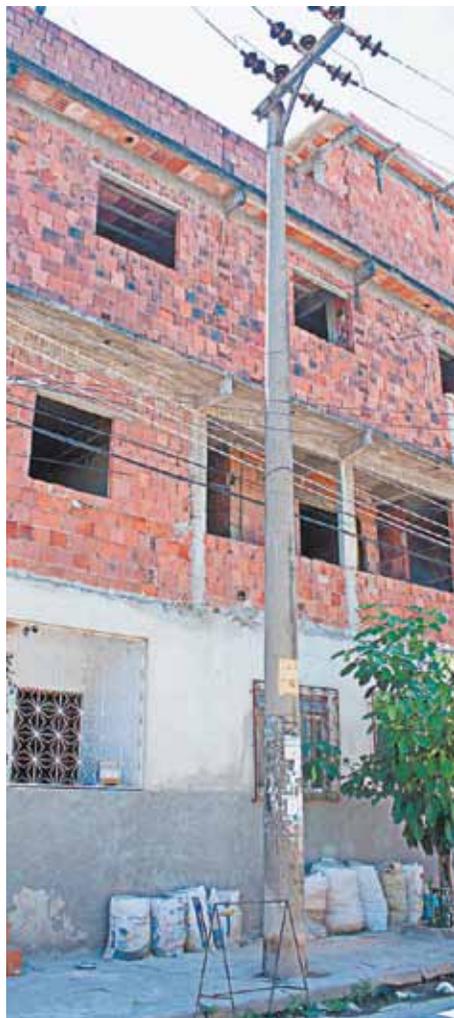
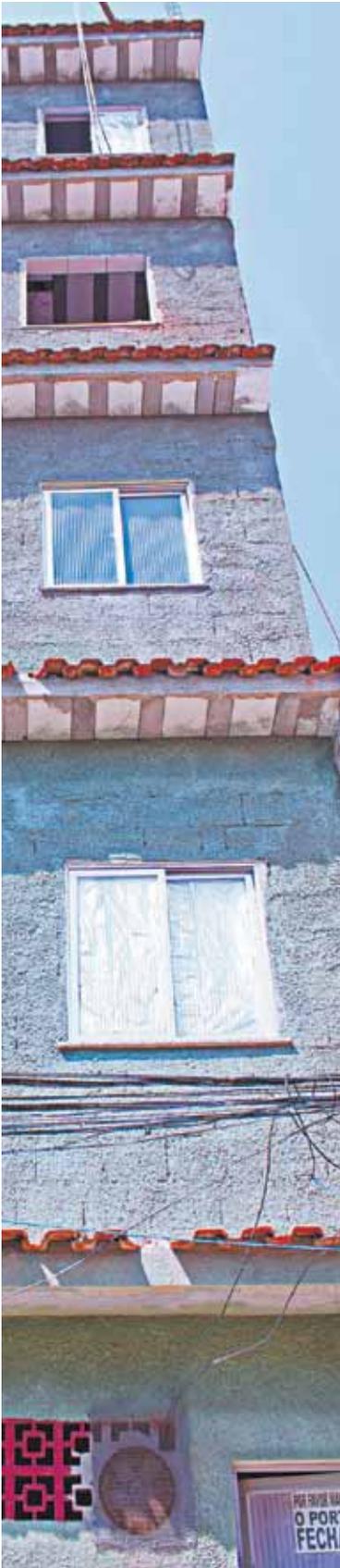
Para o ALTO e avante!

Sem espaço para crescer na horizontal, o bairro se expande para cima, com casas de até cinco andares, mas as áreas aterradas – como é o caso da Maré – inspiram cuidados especiais

 Hélio Euclides  Elisângela Leite

O Rio de Janeiro ficou em estado de atenção após o desabamento de três prédios no Centro, em janeiro deste ano. O acidente chegou ao número de 17 mortos e cinco desaparecidos; e fez os cariocas começarem a discutir a segurança das construções e reformas. É que o desastre no Centro da cidade, ao que tudo indica, foi motivado por obras irregulares que abalaram a estrutura do prédio maior, que caiu sobre os dois menores. As edificações eram coladas umas às outras, algo comum também na Maré, que já possui prédios de até cinco andares.

Segundo o engenheiro civil do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (Crea-RJ), Antônio Eulálio, por esta ser uma zona de mangue que passou por aterramento, a fundação das casas deve receber uma atenção especial na Maré. “A Maré é horizontal. Uma dificuldade são as enchentes, que podem danificar as casas. Outra preocupação é a verticalização e as casas coladas, o que ocasiona um castelo de cartas”, explica. Para ele, o tempo também aponta os erros. “Em algumas residências há ferros aparecendo; e isso acarreta em algo sério entre 20 a 30 anos. Sem falar em tubulações ruins e na não impermeabilização, que causam vazamentos que vão corroendo a edificação”, adverte.



O professor da Redes da Maré, Carlos Alexandre Carvalho, observa ainda escadas para o lado de fora das casas e construções nas calçadas. “Hoje não há mais espaço para os lados e se extrapola até os cinco andares”, afirma ele, para quem o crescimento, em geral, é motivado pelo aumento dos integrantes das famílias.

O morador da Vila do Pinheiro, Edvan Mariano, está construindo o segundo andar de sua casa, mas diz conhecer os cuidados que precisam ser tomados. “Aqui na comunidade, com meio metro escavado, já aparece água, por isso é bom estudar o terreno e ver o histórico da construção. Se necessário, é melhor ouvir um especialista. Não podemos cometer erros como o do prédio do Centro”, ressalta.

O morador do Salsa e Merengue, Rickson de Lima, disse que no passado algumas casas cederam, em terreno próximo a Linha Vermelha. “Aqui na área do Projeto Rio tem que ter estrutura, pensando sempre no dobro de andares. Pisamos em água, a fundação é essencial”, resume.

Quem passa pela Linha Amarela se surpreende pela altura de uma [casa no Morro do Timbau](#). Ela fica na Rua Capivari, e, segundo o proprietário Jair Nunes, já foi vistoriada pela prefeitura, que aprovou a obra. “A minha casa tem boa estrutura. Eu igualei na pedra com uma barragem de concreto pelo chão. Tem gente que faz de qualquer maneira, tira coluna para abrir espaço”, chama atenção. Sua esposa, Ana, concorda. “As pessoas fazem casas e depois vão crescendo para cima. Um amigo meu disse que para abençoar só Nossa Senhora do Concreto”, brinca.

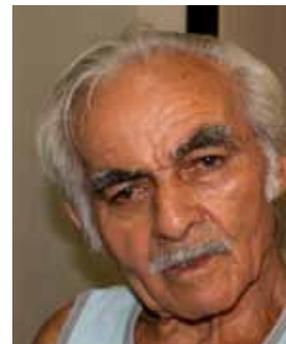
O coordenador da 30ª Região Administrativa, Hildebrando Gonçalves, o Del, esclarece que o órgão municipal para esses casos é a Defesa Civil, que fiscaliza e orienta imóveis em situações de risco. “Não temos nenhum profissional na Administração Regional. Existem casos que direcionamos para o Crea, quando somos procurados”, acrescenta Del.

Maré já teve o seu desabamento

Há quase 15 anos, na [Rua Pedro Torres](#), na Baixa do Sapateiro, uma casa desabou após a construção de uma cisterna no último andar. “Quando a cisterna estava pronta, colocaram a metade da água, então veio a baixo. No dia faltou luz e demorou algum tempo para tirarem os entulhos. Mas se construiu de novo sem a caixa d’água”, lembra Azenir Costa, que mora próximo do local. O atual dono da propriedade é Milton Pereira, o popular Menininho. “Meu pai tinha conhecimento, pois era mestre de obra, mas aconteceu. Na nossa casa ocorreu uma rachadura que, sem as providências e com uma caixa d’água com capacidade para 3.000 litros, não aguentou. Danificou quatro casas em volta, com um caso de pessoa ferida, mas ao final deu tudo certo”, recorda.

Muitas pessoas na Maré, conscientes dos riscos, não economizam na quantidade de material na tentativa de garantir a segurança da construção. “Em 1986, eu morava num barraco. Não tínhamos espaço para crescer, então fomos para cima. Fizemos sapata e boa estrutura pensando em até quatro andares, pelo material gasto. Tem gente que trabalha com curiosos. Peço a Deus que proteja essas famílias”, comenta a moradora da Nova Holanda, Sandra Regina de Castro.

Residente da mesma comunidade, Maria da Penha Ferreira explica que sua casa foi visitada pelo engenheiro da Vila Olímpica, que constatou suportar até mais dois andares. “Usamos nove pilares, mas sabemos que nem todos são assim, então como as casas são coladas, uma ajuda a outra”, acredita. Seu esposo, João José Rodrigues, é taxativo quanto à qualidade de sua obra. “Eu posso morrer porque Deus vai me levar, mas ver minha casa derrubada nunca”, garante.



João José Rodrigues



Rickson de Lima



Edvan Mariano



Maria da Penha



Sandra Regina de Castro

O engenheiro do Crea, porém, faz uma série de alertas. “Nas favelas gasta-se muito (material), um exagero, mas há dúvidas na qualidade. A prudência deve ser especial em terreno que afunda ou em casas trincadas. A solução seria a urbanização e pavimentação, contudo não vejo apoio do poder público para as favelas”, frisa ele, para quem a melhoria na qualidade da moradia depende de políticas públicas. Antônio se preocupa com a verticalização. “Na Maré o máximo que pode existir são três pavimentos, já que o aterramento é de argila mole. Mais do que disso só acreditando em Deus. As obras precisam de um estudo geotécnico”, aconselha.

Em caso de emergência devido a riscos de desabamento, o proprietário deve procurar imediatamente a Defesa Civil Municipal, pelo telefone 199, ou o Corpo de Bombeiros, ligando: 193.





Dona Adélia, a síndica mais antiga do Conjunto Esperança, está na administração do prédio há mais de 20 anos



Janaína Vaz, síndica e secretária da Associação de Moradores

 Silvana Bahia  Elisângela Leite

Vou chamar

Conjunto Esperança, formado por 35 prédios, totalizando 1.400 apartamentos, tem 20 síndicas na liderança

O protagonismo feminino está crescendo e ganhando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. No Conjunto Esperança, podemos ver esse protagonismo com mais ênfase se analisarmos a quantidade de mulheres responsáveis pelo cuidado dos prédios. Dos 35 blocos existentes, 20 são administrados por mulheres. – todas elas chefes de família.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as famílias chefiadas por mulheres já representam 35% do total do país. No Conjunto Esperança esse número parece ser ainda mais elevado, segundo percepção dos próprios moradores. Em cada bloco são 40 apartamentos, totalizando 1.400 unidades, em sua maioria, chefiadas por mulheres de diferentes idades.

Erguido em 1982, o conjunto habitacional conta, desde sua construção, com a participação de mulheres com tino para a liderança. Dona Adélia Fernandes é citada como a pioneira. “Trabalho como síndica há mais de 20 anos. Fiquei afastada por

um ano e, durante esse tempo, o prédio foi administrado por um senhor que morreu. Depois disso decidi voltar. Os moradores me respeitam e eu respeito eles. A melhoria que eu puder fazer eu faço. Coloquei uma funcionária que vem três vezes por semana e cuida da limpeza do prédio”, conta dona Adélia, que considera que o respeito é a base da boa convivência.

Diálogo é a base das relações

Os prédios que têm gerência feminina são considerados os mais organizados, limpos e bonitos. Elas cuidam de cada detalhe e conversam diretamente com cada morador na tentativa de resolver os problemas prediais. A relação entre os condôminos e as síndicas, na maior parte dos casos, é tranquila.

Janaína Vaz, síndica e secretária da Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Esperança, acredita que isso acontece porque as mulheres são mais pacientes. “O diferencial está no tratamento com os moradores; o homem é muito abusivo e impetuoso. A mulher tem mais trato e olha o todo. É como se estivesse administrando a casa, com amor e dedicação”, ressalta ela.

Alguns prédios estavam abandonados, sem administração alguma. No caso de Flora dos Santos, tornar-se síndica foi quase “natural”

“O bloco que moro estava abandonado, não tinha síndico. Comecei a limpar e cuidar do prédio. O pessoal foi gostando e dizendo que eu tinha que ser a síndica. Acabei ficando e lá se vão quatro anos”, conta ela, que lidera também a organização da casa. “Sou a mulher e o homem da casa, tenho dois filhos menores e dois netos que eu crio, totalizando quatro crianças. Sou a síndica e a zeladora, cuido do prédio e depois cuido da casa”.

O trabalho de síndica é voluntário, ou seja, elas não recebem nada para executar o serviço. No máximo são isentas de pagar o condomínio e a maioria delas trabalha fora para garantir o sustento da família.

Para além da administração

O carinho e o zelo na direção feminina são, sem dúvidas, um grande diferencial, mas as mulheres, além da delicadeza, possuem pulso firme no comando do prédio, buscando soluções para os problemas do dia a dia. A maioria das entrevistadas afirma não ter maiores obstáculos na execução do trabalho. O que às vezes prejudica a realização de melhorias é a questão econômica. “A gente apresenta um projeto para os moradores, todo mundo quer, mas na hora de pagar só meia dúzia paga, aí o projeto fica parado. Às vezes é com muita dificuldade que a gente consegue evoluir em alguma coisa”,

Uma bela festa no Dia das Mulheres

As celebrações do Dia Internacional das Mulheres, em 8 de março passado, foram diversificadas. O dia foi marcado por roda de conversa,

oficina do corpo, desfile, esquetes, percussão e seminário – eventos realizados em parceria pela Redes, Observatório de Favelas, Instituto Vida Real, Luta pela Paz, Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa, Posto de Saúde da

Vila do João, Associação de Moradores do Conjunto Esperança e Ação Comunitária do Brasil. À noite, o Galpão Bela Maré, na Nova Holanda, virou uma festa. Foi o momento de celebrar também o aniversário da Redes de Desenvolvimento da Maré.

O Dia Internacional da mulher é comemorado no dia 8 de março por representar um marco na luta feminista mundial. Nesse dia, no ano de 1857, em Nova Iorque, operárias de uma fábrica de tecido decidiram reivindicar melhores condições

a síndica!

conta Ivanira Medeiros, que é técnica de enfermagem e síndica.

Os blocos que têm mulheres como administradoras são diferenciados também pela estética. Geralmente são enfeitados com flores, contam com canteiros, são bem pintados e organizados. Os moradores se dizem satisfeitos com o trabalho realizado, como afirma a moradora Sara da Costa. “Moro há quase 30 anos aqui e estou adorando essa administração feminina, porque cada vez mais as mulheres estão ganhando espaço. Têm mulheres dirigindo táxis, mulheres operárias, mulheres síndicas, em todas as áreas a gente vê a mulher conseguindo seu espaço. Além de serem mais cuidadosas, observam os mínimos detalhes que às vezes os homens, sem querer, passam por cima”, opina.

O relacionamento com os síndicos dos outros 15 prédios é tranquilo e respeitoso. Com alguns moradores do sexo masculino é

que, de vez em quando, surge um mal-estar, segundo pontua a síndica Janaína Vaz. “Às vezes me sinto desrespeitada, porque a mulher à frente, para se impor, parece que ela tem que ter um homem ao seu lado, porque as outras pessoas não respeitam. É como se ela não tivesse autonomia. Na sociedade é assim, no trabalho é assim. Se a mulher está à frente de alguma coisa, num nível maior, é recriminada, porque parece que o homem não aceita a competência dela”, analisa.

Encontro no Dia Internacional da Mulher

Para homenagear as mulheres do Conjunto Esperança, que trabalham em diversas frentes na comunidade, a Associação de Moradores, em parceria com a Redes de Desenvolvimento da Maré, realizou um

encontro na quadra, no Dia Internacional da Mulher, em 8 de março.

Pedro Francisco, que assumiu a presidência da Associação há um ano, foi quem percebeu o elevado número de mulheres síndicas na sua comunidade. “Vi algumas síndicas fazendo reunião nos blocos, porque estavam muito abandonados e ninguém queria assumir aquela responsabilidade. Nós resolvemos levar a Associação de Moradores para a rua, trabalhando diretamente com os líderes de cada bloco, dando apoio. Por isso, decidimos fazer uma homenagem a essas guerreiras que estão nessa luta por uma melhora na comunidade. Elas me passam mais os problemas e as dificuldades do que os homens, nós interagimos mais. Têm blocos aqui que são três mulheres trabalhando em conjunto, cuidando dos prédios, e cada vez mais aumenta esse número de mulheres se envolvendo nesse processo”, relata o líder comunitário.



A partir da direita: Ivanira, Adélia, Maria Lúcia, Janaína, Zilma, Avany, Marcelle, Flora Amanda



de trabalho. Elas pediam, entre outros itens, redução da carga horária de 16 para 10 horas diárias e salários mais justos, pois ganhavam um terço do que os homens recebiam para desempenhar o mesmo trabalho. Resolveram, então, fazer uma

grande greve. As mulheres ocuparam a fábrica e foram reprimidas brutalmente. O ato culminou num ataque desumano. As tecelãs foram presas na fábrica, que foi incendiada. Estima-se que 130 trabalhadoras morreram carbonizadas.

por dentro

da Maré

O que acontece e o que não deixa de acontecer por aqui

Panqueca de ricota e espinafre

Receita do **Maré de Sabores** - Projeto de gastronomia e gênero do qual fazem parte mulheres da Maré

Para a massa:

- 130 g / 1 xícara (chá) de farinha de trigo
- 1 xícara (chá) de leite
- 1 ovo
- ¼ colher (chá) de sal - manteiga ou margarina, o quanto baste para untar

Modo de preparo:

1. Coloque todos os ingredientes num recipiente e misture bem com uma colher. Deixe a massa descansar por 20 minutos.
2. Enquanto a massa descansa, comece a preparar o recheio.
3. Prepare as panquecas: pegue uma frigideira antiaderente, pequena, e leve ao fogo alto.
4. Coloque uma colher (café) de margarina ou manteiga sobre a frigideira e espere derreter. Retire o excesso de margarina com um papel-toalha.
5. Segure o cabo da frigideira com uma das mãos e com a outra mão pegue uma pequena porção da massa, com uma concha pequena, e jogue dentro da frigideira. Conforme a massa vai sendo jogada, mexa rapidamente a frigideira, fazendo movimentos circulares, para que a massa ocupe todo o fundo da frigideira.
6. A quantidade de massa deve ser pouca, para que não fique grossa e pesada.
7. Deixe a frigideira sobre o fogo alto até que as bordas da panqueca comecem a soltar da frigideira. Vire a panqueca com o auxílio de uma espátula e deixe fritar por mais 1 minuto ou até que comece a dourar.
8. Retire a panqueca e unte a frigideira novamente com margarina. Repita o procedimento acima com o restante da massa.
9. Após terminar de fritar todas as panquecas, comece a montagem: pegue uma panqueca e coloque sobre uma superfície lisa. Pegue uma porção do recheio, com uma colher de sopa, e coloque bem no centro. Enrole as panquecas, como se estivesse fazendo um charuto.
10. Distribua as panquecas num recipiente e regue com o molho de tomate.

Para o recheio e cobertura:

- | | |
|-----------------------------|---------------------------------|
| 200 g / 1 maço de espinafre | 500 g de ricota |
| 2 colheres (sopa) de azeite | 1 dente de alho, picado |
| 1 pitada de noz moscada | Sal e pimenta do reino, a gosto |

Modo de preparo:

1. Comece lavando muito bem as folhas de espinafre. Depois do banho de água corrente, deixe-as de molho por uns 10 minutos numa tigela. Em seguida nada de ir logo escorrendo a água, retire as folhas. As "sujeirinhas" ficam no fundo da tigela.
2. Leve uma panela com água para ferver. Acrescente os espinafres e cozinhe por 4 minutos.
3. Retire os espinafres da água e esprema para retirar o excesso de água. Coloque os espinafres sobre uma tábua e pique com uma faca afiada. Reserve.
4. Leve uma frigideira ao fogo baixo e acrescente o azeite. Coloque o alho picado e refogue por 1 minuto.
5. Acrescente o espinafre reservado e mexa bem. Tempere com sal e pimenta do reino. Desligue o fogo.
6. Coloque a ricota, o espinafre e a noz moscada num recipiente e misture bem com uma colher até ficar homogêneo.
7. Utilize esta mistura para rechear as panquecas

Um clarão sob o novo viaduto

A Região Administrativa da Maré negocia com a prefeitura a instalação de uma clínica da família, no terreno da Vila do Pinheiro situado sob o viaduto que dá acesso à ponte estaiada do Fundão, a chamada Ponte do Saber.



Elisângela Leite

Marcílio Dias na luta

Geraldo de Oliveira, fundador da biblioteca comunitária Nélide Piñon, em Marcílio Dias, lançou, em 6 de março, o projeto Semear, que tem o objetivo de angariar fundos para a compra da sede própria da instituição. Em 22 de maio, a biblioteca completará cinco anos. A comemoração deve contar com a presença da escritora Nélide Piñon, que esteve na biblioteca pela primeira vez no ano passado. A instituição fica na Rua Dalva de Oliveira, 70.

Pinheiro não levou mas fez bonito

A Taça das Favelas, campeonato de futebol que movimentou as comunidades do Rio de Janeiro, chegou ao fim. Os grandes campeões nessa primeira edição de 2012 foram: no Masculino, a galera da Rocinha, e no Feminino, as jovens do Fallet e Fogueteiro, de Santa Teresa. O time da Vila do Pinheiro disputou as quartas de final com o Jacarezinho, que acabou levando a melhor nos pênaltis (4X3).

Rosilene Miliotti



Mais de 500 jovens no Supletivo

A segunda edição do curso supletivo da Maré atraiu 550 jovens moradores, interessados em concluir os Ensinos Fundamental e Médio. Os inscritos devem participar da aula inaugural, que é obrigatória. Na ocasião, todos poderão tirar suas dúvidas sobre locais de aula, horários, duração do curso, provas etc. Confira o dia e o local da sua aula inaugural:

Dia 19 de março, às 19 horas, aula inaugural dedicada aos alunos moradores do Parque Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz e Parque União.

Local: Centro de Artes da Maré, Rua Bittencourt Sampaio, 181 - Nova Holanda - perto do ponto da van 818.

Dia 22 de março, às 19 horas, aula inaugural dedicada aos alunos moradores da Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiro, Parque Ecológico, Vila do João, Conjunto Esperança.

Local: Lona Cultural Herbert Vianna, Rua Ivanildo Alves, s/nº - Nova Maré.

Será o fim das enchentes?

As Vias B/3 e A/1 passam por obras que devem levar ao fim das enchentes que atormentam moradores e trabalhadores. A prefeitura realiza a colocação de nova tubulação de água fluviais e a elevação da rua. "Há mais de 20 anos que a comunidade sofre quando chove, com água nas casas", conta o comerciante da Via A/1, Jonathan Barbosa. A moradora da Via B/3, Juliana Pereira, já vê melhorias mesmo antes da conclusão da obra. "Não inundou mais, a obra melhorou bastante. Antes entrava água nas residências e as pessoas perdiam seus móveis", conta.



Elisângela Leite

Prefeitura inaugura segundo EDI no Timbau

Foi inaugurado, em março, o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Kelita Faria de Paula, no Morro do Timbau, onde também funciona a outra unidade infantil da prefeitura. O novo espaço possui capacidade para 200 crianças na creche e outras 50 na pré-escola. Fica na Rua Guilherme Maxwell, 107, no antigo Sesi.



Lona cultural
Herbert Vianna
PROGRAME-SE!
TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA!



Elisângela Leite



Elisângela Leite

PROGRAMAÇÃO

Cineclube Rabiola

Quartas, às 16h30

7, 21 e 28 de março e
3, 10, 17 e 24 de abril

O melhor da produção audiovisual para o público infantil.

Roda de samba (Grupo Nova Raiz)

Domingos, de 18h às 23h

11, 18 e 25 de março
e 1, 8, 15, 22 e 29 de abril

Sarauzinho

09 de Março, sexta, 14h

Narração de histórias, poesia, música e dança para o público infanto-juvenil

Forró da Lona (com Os três forrozeiros)

9 de Março e 27 de abril, sexta, 21h

Encontro de Capoeira

10 de Março, sábado, 16h

Capoeira Angola com o grupo Mocambo de Aruanda

Dança

21 de Março, quarta, 21h

Fábulas Dançadas de Leonardo Da Vinci

Cia. Híbrida

31 de Março, sábado

16h – oficina de dança de rua
18h – Dança: espetáculo "ESTÉREOS TIPOS"

Espectáculo

31 de Março, sábado

O grupo "Nós do Morro" apresenta "BARRELA", primeira peça de Plínio Marcos. *Indicação: a partir de 18 anos*

Exibição de filme

10 de abril, terça, 9h

"O MENINO QUE ROUBAVA PANEAS"

Com oficina de percussão para ritmos brasileiros

Favela Rock Show

13 de abril, sexta, 21h

Bandas e intervenções artísticas

Teatro

17 de abril, terça, 14:30

"QUIPROCO"

Espectáculo do Grupo Teatral Moitará

20 de abril, sexta, 19h

"ROLIUDE"

Espectáculo do Grupo Nós do Morro
Classificação Livre – Público: adultos

OFICINAS REGULARES

Cavaco

2^{as} - 15 às 17h e 3^{as} - 18 às 20h

Artes Circenses

2^{as} e 4^{as} - 14:30 às 16:30h

Percussão - Ritmos brasileiros

3^{as} e 5^{as} - 9 às 11h

Percussão - Samba

2^{as} e 4^{as} - 9 às 11h

Capoeira

3^{as} e 5^{as} - 14 às 16h

Violão

2^{as} - 15 às 17h e 3^{as} - 18 às 20h

Gastronomia

4^{as} e 5^{as} - 8h30 às 11h30 - 13h às 16h

Teatro

Sábados, - 10h às 12h (13 a 17 anos)

Dança de salão

Sábados, - 18h às 20h

Em março:

Mostra Cine Carioquinha

De 12 a 16 de março, 17h

Consulte a programação pelo telefone 3105-6815.

Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado

28 de Março, quarta, 10h - Homenagem a Bartolomeu Campos de Queiroz com leituras de poemas do autor e interação com o público, pela escritora Ninfa Parreiras. *Ao lado da Lona, a Biblioteca atende a toda a Maré: Ampla acervo, brinquedoteca, gibiteca e empréstimo domiciliar*

Rua Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré

Tels.: 3105-6815 / 78717692

www.lonadamare.blogspot.com - lonadamare@gmail.com

FACE: Lona da Maré / ORKUT: Lona Cultural da Maré

Twitter: @lonadamare



ESPAÇO ABERTO!

PRA MARÉ PARTICIPAR
DO MARÉ

Envie sugestões de matéria, opinião, fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica, receita...
R. Sargento Silva Nunes, 1.012 - Nova Holanda. Tel: 3104-3276
comunicacao@redesdamare.org.br

Eu queria mesmo era entrar dentro dela!

Poema em homenagem às mulheres,
por Shyrlei Rosendo

Depois de quase trinta anos,

Eu queria mesmo era entrar dentro dela!

Dentro do passado dela.

E dentro, refazer a infância.

Presentear com bonecas, com mais abraços,
beijos e carinhos.

Presentear, dizendo, eu te amo!

Permitir ir à escola e dentro dos livros desco-
brir o mundo!

Presentear com bons educadores,

Com professores que não utilizassem a pal-
matória.

Eu queria, que ela, mesmo brincando com
bonecas de pano,

Pudesse ser criança!

Eu queria, mesmo, era entrar dentro dela!

E poder estar na sua juventude.

Quando ela acordou e os seios até então
sem serventia, começaram a
aparecer.

Quando seu coração acelerou pelo seu pri-
meiro amor.

Quando ela deixou de ser menina!

Quando começou a perceber que não so-
mos mesmo iguais.

E ter dito, eu te amo!

Eu queria ter permitido que ela fosse jovem.

Eu queria, mesmo, era entrar dentro dela!

Estar no seu casamento e dizer, eu te amo!

Quando teve que mudar de cidade em busca
de uma vida melhor!

Queria ter podido mudar as suas dores.

Dores, marcas fruto de anos dormindo no
chão, porque não tinha teto.

Queria poder recuperar suas mãos, suas
unhas, que se perderam.

Garanta o seu jornal
todos os meses!
Busque um exemplar
na Associação de
Moradores da sua
É comunidade!
gratuito!

De tanto lavar roupas, de tanto carregar peso.
De tanto fomentar trabalho sofrido.

Dores de tapas, sem motivos.

Eu queria, dizer, te amo!

Eu queria, mesmo, era entrar dentro dela!

Mas, queria mesmo é que ela não tivesse
tido,

Tantas dores,

Tantos choros!

Eu queria que ela tivesse outros 80 anos.

Não queria marcas provocadas.

Desejaria as marcas do corpo naturalmente
envelhecido.

Eu queria, mesmo, era entrar dentro dela!

Mas não pude!

Porém fora dela, ela com tantas marcas.

Ensinou-me a viver!

Permitindo-me que eu não tivesse marcas!

Permitindo-me, a seu humilde modo, ser
criança, ser jovem.

Permitindo-me ser mulher.

Rindo à toa

Diogo dos Santos

ALISTAMENTO MILITAR

NA HORA DO ALISTAMENTO EU, UM CARA
ESPERTO, DEIXEI MEU PRIMO JUCA IR NA MINHA
FRENTE E PRESTEI ATENÇÃO NA CONVERSA. O
SARGENTO PERGUNTOU:

- QUAL SEU NOME?
- MEU NOME É JUCA, SENHOR.
- NÃO, SEU NOME AGORA É GUERREIRO! O
QUE FAZ AQUI?
- EU VIM ME ALISTAR, SENHOR.
- NÃO, VOCÊ VEIO SERVIR À PÁTRIA... O QUE É
AQUILO LÁ EM CIMA?
- AQUILO É A BANDEIRA DO BRASIL, SENHOR.
- NÃO, AGORA AQUILO É A SUA MÃE.
MINHA VEZ E O SARGENTO PERGUNTOU
- QUAL SEU NOME, MEU RAPAZ ?
- GUERREIRO, SENHOR.
- HUMM, MUITO BOM. O QUE VOCE FAZ AQUI?
- EU VIM DEFENDER A PÁTRIA, SENHOR.
- E O QUE É AQUILO LÁ EM CIMA?
- É A MINHA TIA MARGARIDA, MÃE DO JUCA,
SENHOR!

FUTEBOL ESTRANHO

CERTA VEZ ACONTECEU UMA PARTIDA DE FUTEBOL
MUITO ESTRANHA , ENTRE O TIME DAS ARANHAS
E O TIME DAS MINHOCAS. COMEÇOU O JOGO
E AS ARANHAS ABRIRAM O PLACAR. E LOGO
VIROU GOLEADA. AS ARANHAS ERAM MUITO
MAS RÁPIDAS QUE AS MINHOCAS. E O PRIMEIRO
TEMPO TERMINOU EM 5 X 0 PARA AS ARANHAS.

COMEÇOU O SEGUNDO TEMPO. CONTINUA O
MASSACRE; AS ARANHAS ABREM 10 GOLS DE
VANTAGEM. MAS FALTANDO 5 MINUTOS PARA
TERMINAR A PARTIDA , ENTRA EM CAMPO A
CENTOPÉIA. E ELA MARCA VÁRIAS VEZES E VIRA O
JOGO EM 11 X 10 PARA AS MINHOCAS.

OS REPÓRTERES CORREM PARA ENTREVISTAR A
CRAQUE DA PARTIDA: A CENTOPÉIA. E UM DELES
PERGUNTA: MAS SE VOCÊ JOGA TANTO, POR
QUE SÓ ENTROU FALTANDO 5 MINUTOS PARA
TERMINAR A PARTIDA? E A CENTOPÉIA RESPONDE:
É PORQUE FOI NAQUELA HORA QUE TERMINEI DE
AMARRAR AS CHUTEIRAS RSRS...

PIADA DE VERDADE

AQUI NA COMUNIDADE, AS
KOMBIS ANDAM COM ESTE
ADESIVO:

